

Poucos recursos para a saúde

SONIA CRISTINA SILVA

O surgimento da Aids no Brasil levou as autoridades e a população a exigir medidas preventivas com relação a essa doença ainda sem cura. Contudo, a discussão sobre a Aids colocou na sombra a gravidade de outras endemias diretamente ligadas à falta de saneamento básico. Um desses casos é a malária, que teve sua incidência aumentada nos últimos anos.

O novo ministro da Saúde, Borges da Silveira, diz que as endemias atingem "milhões de brasileiros que perdem a vida ou o poder de trabalho, transitando de hospital em hospital". Ele lembra que menos de 10% do orçamento da União é aplicado no setor de saúde, quando em países desenvolvidos o índice ultrapassa os 40%. Borges da Silveira promete atacar de vez o problema do sangue doado no Brasil. A prioridade é evitar a proliferação da Aids por meio das transfusões, mas, lembra o ministro, também evitará o contágio da malária e do mal de Chagas.

Segundo Borges da Silveira, também será dada prioridade à estruturação da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam), responsável pelo controle de várias endemias, mas preparada para acompanhar a população no processo de ocupação e exploração de novas terras, ocasião em que ocorre a maioria das doenças endêmicas.

Pessoal

Conforme o superintendente da Sucam, Josélio Carvalho Branco, o órgão dispõe de somente 33 mil agentes sanitários, quando seriam necessários 50 mil. Além disso, o pagamento médio corresponde a um salário mínimo, o que vem levando a evasão de pessoal. Josélio informa que há funcionários que deixam o emprego para trabalhar em garimpos, locais onde prolifera a malária e para os quais tinham sido enviados justamente para controlar a doença.

No ano passado, cerca de 59 milhões de pessoas estavam expostas

ao contágio da malária nos locais de transmissão endêmica: a Amazônia legal, Rondônia e Pará. A Amazônia, na última década, registrou um índice de crescimento populacional de 50,4%, o maior do Brasil. Hoje existem na região mais de mil garimpos, onde a falta de condições de moradia e de cuidados higiênicos favorecem a proliferação da malária. No Pará, a descoberta do garimpo de Serra Pelada e a exploração de zonas auríferas tornou o local foco de atração de migrantes, muitos deles contaminados. Mesmo assim, no ano passado, a Sucam realizou cerca de 1,8 milhão de borrifações, utilizando 1,6 mil toneladas de DDT, o que representou apenas 73,6% das borrifações programadas em domicílios.

Doença de Chagas

Outra endemia que preocupa,

mas sem ser prioridade, é a doença de Chagas, que já infectou mais de cinco milhões de brasileiros. Outros 63,5 milhões continuam expostos à doença nas áreas endêmicas, que correspondem a 36% do território nacional, numa faixa que se estende do Maranhão ao Rio Grande do Sul. No ano passado, a Sucam realizou quase 3,9 milhões de visitas a habitações nessas áreas, efetuando 750 mil borrifações e a captura de quase quatro milhões de insetos transmissores. Todo esse volume representa apenas 41% da programação. Comprometeu essa atuação o deslocamento dos agentes da Sucam para o controle da dengue, tarefa para a qual estavam despreparados.

A dengue existiu até 1940, no Brasil, em sua forma benigna. Em 1985 ressurgiram surtos e em março deste ano apareceram novos casos. A

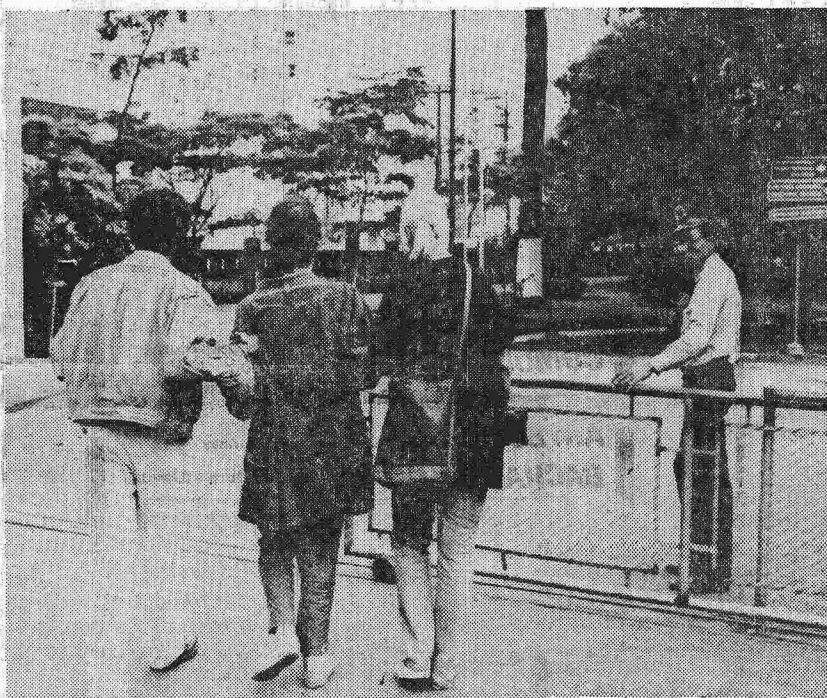
propagação foi rápida tendo sido registradas 27,3 mil notificações até março. Mas o número real é superior, estima-se que desde seu aparecimento, em 85, até março último, mais de um milhão de pessoas tenham sido contaminadas. A falta de pessoal torna difícil o trabalho de erradicação. Pelos dados da Sucam, 15 estados ainda possuem o mosquito *Aedes aegypti*.

Josélio Carvalho informa que há mais de um mês não é notificado nenhum caso de dengue. Diz ainda que conta apenas com 700 homens no Rio de Janeiro, que devem trabalhar no Interior, na área urbana, subindo favelas e procurando focos do mosquito.

Esquistossomose

Estima-se que em 86 cerca de 5,4 milhões de pessoas contraíram a esquistossomose, na maior parte vindas de Minas Gerais e Bahia, estados que atingiram nível crítico de número de casos. Em 1977 havia 22,5 milhões de pessoas expostas à doença, mas os casos aumentaram para 35 milhões no ano passado, em consequência do grau de pobreza da população, aliado à falta de acesso a informações básicas sobre higiene, além da insuficiência de recursos para controle da doença.

A falta de atenção do governo para medidas preventivas é a redução da cobertura via vacinas quando os casos de determinada endemia baixam. É o que acontece com o sarampo, que mata três mil pessoas por ano, sobretudo crianças, que poderiam ser salvas pela vacinação. Além disso, as campanhas veiculadas nos meios de comunicação não atingem intensidade suficiente para garantir uma conscientização duradoura. Em outubro, as emissoras de televisão divulgaram mensagens oficiais sobre saúde durante apenas 15 dias. "Conseguir ter visto a mensagem foi o mesmo que ganhar na Lotto", disse Marina Wagner, da Divisão Nacional de Epidemiologia do Ministério da Saúde.



Claudiné Petrolí

Doente de Aids deixando o Emílio Ribas, em São Paulo

Brasília/Agência Estado